



A mulher
que não
prestava



Tati Bernardi

Copyright © 2006 Tati Bernardi

Supervisão editorial	Marcelo Duarte
Assistente editorial	Tatiana Fulas
Projeto gráfico e diagramação	Ana Miadaira
Preparação	Alessandra Miranda de Sá
Revisão	Cristiane Goulart
	Telma Baeza G. Dias

Alguns dos textos que compõem este livro foram publicados na revista *TPM* e no site da autora.

CIP - BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Bernardi, Tati.

A mulher que não prestava.

Tati Bernardi. 1ª ed. - São Paulo : Panda Books, 2006.

1. Crônica brasileira.

I. Título.

06-1751

CDD 869.98

CDU 821.134.3 (81)-8

2006

Todos os direitos reservados à

Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Lisboa, 502 – 05413-000 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3088-8444 – Fax: (11) 3063-4998

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Para Guilherme

Agradecimentos

Oswaldo Bernardi, Ruth Bernardi, Luiz Carlos Teixeira Pinto, Pedro Cabral, Kiko Nogueira, Washington Olivetto, Sidney Araújo, André Luiz Costa, Myla Verzola, Silvio Amorim, Letícia Valença, Ana Paula Lopes, Marina Lopes, Eduardo Benaim, Priscila Guimarães, Livia Santos, Patrícia Gebrim, Marco Versolato, João Braga, Luiz Filipin, Katia Huls, Celina Paro, Renata Elisa Marcicano, Luisa Barreto, Fábio Torres, Paula Vampre, Juliana Pontual, Paulo Manzine, Rani Ghazzaoui e Lolita.

Revista *VIP*, Revista *TPM*, Revista *Viagem e Turismo*, W/Brazil, Agência Click, Blônicas, Predicta Comunicação Interativa e a todos da Kallipolis.

Sumário

Prefácio	11
Apresentação	15
1. A retrospectiva dos idiotas	19
2. O decote	22
3. E-mail para Myla	28
4. Eu não sei voar	32
5. Eu só queria um namorinho de portão	37
6. Fadinha de cu é rola, ou como ser muito preconceituosa ..	41
7. Gira-gira	46
8. João e (a velha) Maria	49
9. Linha cruzada	51
10. Mais um dia daqueles	55
11. O amor é uma doença	59
12. O drive-in	63
13. O encontro	66
14. O fim do amor está a seu lado	69
15. O homem que não traía	73
16. O que fazer em caso de tédio	77
17. Odeio este texto	81
18. Quem quer pôr terno no macaco?	87
19. Respire, relaxe, medite e se mate	92
20. Romântica pra cacete	97
21. Sai da frente, feiosa	102
22. Salva, deleta	105
23. Seja ela quem for	108
24. Como ser feliz domingo em São Paulo	114
25. O homem da escada	118
26. Mortes do dia-a-dia	123
27. Milu Minei, o mestre	127
28. Entre uma festa idiota e um dia de trabalho besta	133
29. Máfia da caridade	142

Prefácio

Um dia o Ricardo Figueira me falou que tinha contratado uma redatora que vinha de uma agência *off-line*. Fomos almoçar no restaurante da Reebok Ricardo, Domênico, Tati e eu. Toca o celular dela que fica aparentemente constrangida com a interrupção. Ela atende: “... eu sei que você é muito importante pra mim, mas vou desligar porque estou almoçando com meus três chefes”. Era só, e nada mais, que a pura verdade. Em pouquíssimos minutos, na nossa primeira interação, aprendi que Tati é verdadeira, espontânea e não tem o menor medo de ser assim.

Volto pra minha sala e no meio da tarde recebo um texto fantasticamente emocionado, falando de uma forma muito intensa que parece deixar a gente desconsertado. Uma torneira aberta de sentimentos que se expressam com todas as suas contradições, que os verdadeiros seres humanos vivem buscando a felicidade.

Um dia Tati me manda mais um de seus e-mails. Abro logo. Estava me habituando a receber seus textos, ainda que o corre-corre do meu dia-a-dia e a confessada timidez da escritora não nos tivesse proporcionado uma convivência pessoal mais constante. Não cheguei a me assustar com o que estava escrito. Ela

estava se despedindo, queria dar um tempo, queria se dedicar a escrever. A única certeza que eu tinha é que ainda continuaríamos trabalhando juntos. Pedi pra bater um papo antes de sua saída. Agora estamos finalizando um livro a quatro mãos, contando a história da Click.

Quando fiz o convite para o projeto, ela perguntou por que. Eu só conseguia ser exatamente como ela na resposta. “Não conheço outra pessoa que escreva de uma forma tão verdadeira como você”. Começamos a conversar e logo depois recebo um texto quando aprendo que Tati é uma antena sensível capaz de captar e transformar em narrativa até o que a gente não fala, mas expressa nos hiatos e na entonação da voz.

Amiga, amigo leitor. Se me permite, vou dar um conselho. Se você tiver medo de encontrar com suas verdadeiras emoções que podem ser muito contraditórias e intensas, então não leia este livro da Tati. She'll touch you.

Pedro Cabral

é dono da “AgênciaClick” de comunicação interativa e o grande patrocinador da carreira literária de Tati

Toda mulher gosta de apanhar.

Menos as neuróticas.

Nelson Rodrigues

Apresentação

Eu me largava no sofá verde e ficava sonhando com a vida; tudo era novo demais para mim e eu precisava ficar paralisada para digerir o mundo. Meu avô não se conformava e andando de um lado para o outro da casa dizia: “essa criança não presta pra nada”.

Mais tarde, na escola, eu não chamava nenhuma atenção na hora do recreio, meu uniforme servia pra me deixar ainda mais com corpo de criança em meio àquelas garotas já encorpadinhas e meu cabelo colaborava para que eu fosse tão estranha quanto os meus pensamentos. Mesmo que eu ficasse sentada observando tudo e ganhando uma sensibilidade que aquelas meninas de cabelos lisos e coxas de bailarina nunca teriam porque estavam ocupadas demais com a nova tiara da Pakalolo, o guia de orgasmo juvenil da *Capricho* e o novo aluno com motorista particular, sob olhos superficiais, eu não prestava para absolutamente nada.

Fui demitida do meu primeiro estágio porque eu não servia para aquilo, e depois dele eu mesma me demiti de mais uns cinco estágios e de uns quatro empregos. Eu continuava não

prestando para eles, mas pelo menos tinha aprendido a hora de abandonar antes de ser abandonada, tática que usei a vida toda também com os homens.

Depois de não ir a 457 festas de aniversário, 358 casamentos e outros eventos do gênero “vamos ver pessoas que não têm nada a ver comigo e sorrir a noite toda porque é preciso teatralizar para servir para algo nessa vida”, minha mãe desistiu do sonho de ter uma filha supercompanheira e sempre divertida. Um dia ela disse: “você está sempre reclamando, não se mantém em nenhum emprego, nenhum namorado te agüenta e você não me faz companhia... você não presta pra nada”. Nesse dia até a minha cachorra, que eu trato como filha, saiu correndo da minha cama, se instalou no quarto da minha mãe, e nunca mais trocou de dona.

De verdade, acho que todo mundo tem razão: eu realmente não sirvo muito pra coisa nenhuma. Não sei lidar com a cartilha corporativa porque só consigo dar importância para mim mesma; tento me distanciar da família o tempo todo por puro medo de não sobreviver sem ela; em viagens sou muito fresca, nojenta, zero-aventureira e cheia de medos; situações tensas me dão ataques de riso e até pra fazer sexo sou complicada... minha mente não pára um segundo de martelar.

Durante muito tempo não prestei sendo a outra ou sendo infiel, por total covardia. Mas nas poucas vezes em que tentei amar sendo inteira, quase morri de medos, ciúmes e neuroses. O que me define como uma mulher que não presta para se relacionar de nenhuma maneira.

Sou perdida para amar como todo mundo, mas não disfarço como a maioria. E a maioria vê em mim seus próprios defeitos e os aponta em mim, porque é mais fácil atacar o que está fora.

A verdade é que ninguém, no fundo, presta, mas só quem é realmente idiota para assumir é que aparece e vira referência. Foi pensando assim que descobri minha serventia, a melhor de todas: espelhar o mundo imprestável em mim enquanto os outros vivem em paz com suas máscaras. Eu sirvo para o serviço sujo, enquanto os outros sorriem de banho tomado e roupas novas e caras.

Todos os dias recebo e-mails de pessoas que lêem meus textos e se identificam, e se emocionam, e me agradecem. É como se elas dissessem: que bom que você virou um símbolo de loucura, assim eu posso ser normal.

A mulher que não prestava é uma pessoa, como você, extremamente ordinária. Com a única diferença de que muitos escondem isso para sobreviver, e eu sobrevivo justamente mostrando.

Bom espelho.

Tati Bernardi

1.

A RETROSPECTIVA DOS IDIOTAS

O outro dia briguei com meu ex-namorado por causa do gosto dele para mulheres, até onde sei, menininhas de balada que chamam o respectivo de “náááámo”, ratinhas de praia que vão para “maréééca”, putinhas que dão para todo o grupinho irado mas insistem em acreditar que suas amiguinhas são “cunhadiiiiiinhas”. Um verdadeiro horror analisando a coisa em seu mérito cerebral.

Mas esse papo todo serviu para eu me lembrar das paixões que já tive ao longo da vida e baixar um pouco a bola.

O que exatamente foi o Leandro Cabeção? Um garoto feio que usava roupas amareladas embaixo do sovaco e tinha um capacete feito sob medida para caber a cabeça e o queixo. Toda vez que a gente brigava, entre uma e outra acelerada na Tereré, ele falava: “aí, lá vai ela querer entrar em ‘discursão!’”. É, eu falo tanto que parece um discurso grande mesmo.

Teve o Cacá, que soltava pum e se surpreendia com o barulho – “o que foi isso?”; teve o Gabi, que falava tanto “meu, tipo assim, cara”, que a conta de telefone vinha cara, mesmo a gente nunca chegando a nenhuma conclusão; e teve o Otávio, que, ai... será

que eu conto?... Hummmm, tá: ele gostava de pagode e frequentava o Avelino's. O que é o "guaruuuu" perto de marééca.

Ahhhhh, e como eu ia me esquecendo do André? Ele adorava brincar de esconde-esconde, mas fumava tanta maconha que acabava dormindo nos lugares onde se escondia e só aparecia doze horas depois.

O Marcelo bebia todas as vezes que a gente saía, e sempre no auge da bebedeira me dizia ao pé do ouvido: você é sensacional, gata, mas eu amo a Renata, eu amo aquela vaca!

Hoje em dia estão casados, com cirrose e pastando!

Teve o Carlão, que só usava roupas do Mickey, só me escrevia cartinhas de amor em inglês e chamava o pinto de Charles. E teve o Denis. Esse lia Freud e ouvia Chico, mas tinha um defeito ainda pior do que a burrice: não gostava de trabalhar. Durante dois anos eu paguei todos os seus ingressos do Espaço Unibanco.

A lista de pães-duros foi enorme e traumática. Teve o Silvío, que reclamava da gasolina que gastava para ir me buscar; o Márcio, que ganhava uma fortuna e em dois anos só me deu dor de cabeça; e teve o Gustavo, que rachava estacionamento de três reais.

De todos, o que me deixou mais de bode foi o Ricardo, menino médico do interior. Me fez viajar dez horas de ônibus para a gente copular e quando eu cheguei na casa dele... me colocou para dormir com a irmã virgem de 25 anos porque era um desrespeito com o papai dormir comigo.

Teve o namorado de três horas e o de três anos. Do pri-